

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 68 — Domingo, 26 de Setembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prove...

CASALINHO

e terá escolhido o seu vinho!

AVENÇA

O PROTECCIONISMO AMERICANO AFECTA GRAVEMENTE A ECONOMIA DA EUROPA

E DE UM MODO ESPECIAL AS ACTIVIDADES DO ALGARVE

A FÚRIA proteccionista dos Estados Unidos da América, a nação que faz alarde do seu liberalismo, está a criar gravíssimos embaraços à economia europeia e, de um modo particular, ao sector de actividades que mais interessam ao Algarve.

As queixas são gerais contra a poderosa nação que parece apostada em esmagar o ressurgimento do Velho Mundo, quando tudo

indicava que devia ser ela a primeira a amparar a débil estrutura da economia europeia à qual, depois da última guerra, tantos mercados foram subtraídos.

No que respeita às nossas conservas, todos os industriais sabem as dificuldades que encontram para as colocar no mercado norte-americano. E que assim se prova a queixa que se nos deparou num dos últimos números da revista «Conservas de Peixe» e da qual extraímos os seguintes parágrafos;

«Assim, não só os Estados Unidos sustentam ou até agravam barreiras alfandegárias proibitivas, como vêm comprometer em muitos casos, como os das nossas conservas de peixe, as vantagens mais amplas que deveriam resultar da liberalização nos mercados europeus. Os agravamentos da concorrência e dos direitos nestes mercados, o aviltamento de preços e a desorientação do comércio, são os frutos da política económica americana, contraditória da doutrina que

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Home, sweet home

O filme passava com lentidão. Ali, onde foram casas felizes, restam esqueletos. Pássaros esventrados por outro pássaro monstruoso chamado V2. Ruínas. A minha frente, no meio da sala mergulhada em silêncio — ah!, que força existe, por vezes, no silêncio! — ele e ela, jovens, deram-se as mãos, apertaram-se, com veemência. Depois, ergueram a cabeça, olharam em todas as direcções, como quem procura altados.

A vida copia a Arte

A M. A. enviou, há dois anos. Parece que, em relação a ela, foi a única coisa boa que o marido fez. Bom, era demasiado ciumento e autoritário. Não a deixava folgar, nem sequer chegar à janela. Pois ontem encontrei a M. A., por acaso. Mal me falou. Ia apressada para a sessão da tarde de um cinema. O segundo marido é marinheiro, faz viagens para o Brasil. Saiu na semana passada. Há que tempos ela não via um filme! Aquele, diziam que era bom. Os olhos brilhavam de alegria, de festa, de liberdade. E eu levei a tarde inteira a perguntar, onde conseguira a M. A. ler Gil Vicente!

Média luz

Acendem-se as lâmpadas discretas. Os acordos do banjo cruzam-se, atravessam a sala como serpentes de fogo. Requebram-se os pares, hastas batidas pela tempestade. O tango forra as paredes de lassidão. Para uma neblina morna. Moscas, aos pares, debatem-se furiosamente, no papel mata-moscas.

Canção quase sem palavras

Rosas de sangue não, Não mais a sombra angustiosa. Voam pássaros livres das nossas mãos como beirais floridos.

No luso

O sr. José Fernandes, estabelecido no Porto, recosta-se no cadeirão, que o seu corpo pesado faz balouçar discretamente. A empregada, solícita, traz-lhe a sua dose de 30 gramas de água mineral. O senhor José Fernandes, artério-esclerose, muita, muita ureia, fortuna razoável, 50 anos, a amante muito mais jovem do que ele, segura no copo, bebe lentamente, gostosamente, religiosamente. Volta a recostar-se e a infável esperança desce das alturas para lhe aquecer, no rosto macilento, um misericordioso sorriso.

UM RETRATO DE D. JOSÉ I da autoria do ilustre pintor ALBERTO DE SOUSA

FOI ADQUIRIDO PARA A CÂMARA MUNICIPAL

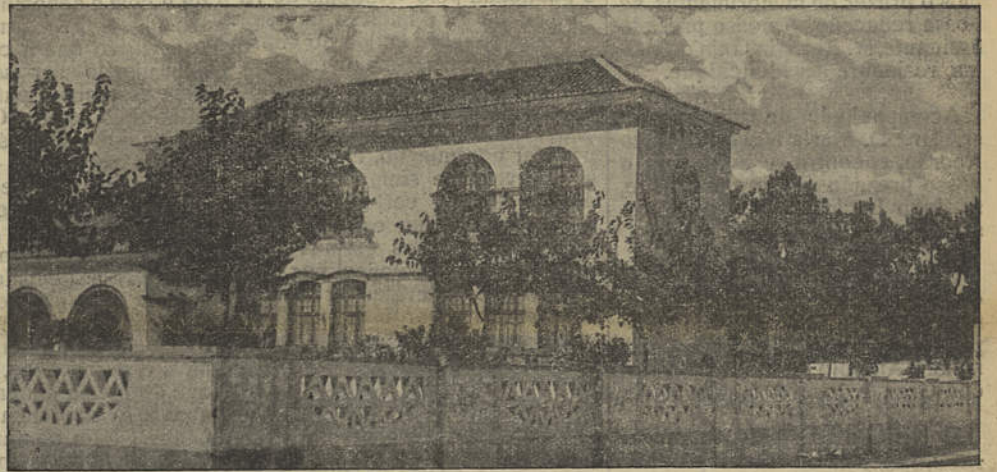
O PATRIMÓNIO artístico da nossa terra acaba de ser enriquecido com a aquisição feita pela Câmara Municipal, por iniciativa do seu ilustre presidente, sr. dr. Alonso Vasques, de um retrato do fundador de Vila Real de Santo António, El-rei Dom José I. Trata-se de um quadro a óleo da autoria do notável pintor Alberto de Sousa, verdadeira obra de arte que tem nos nossos Paços do Concelho o seu lugar próprio.

A Câmara, que há tempos adquirira um retrato do sa-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Escola Primária (Sexo masculino)

Vila Real de Santo António



AINDA SOBRE O TEATRO DE GARRETT

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

DEPOIS daquele discurso parlamentar em defesa do Conservatório Nacional, Almeida Garrett perdeu os empregos e afastou-se da política. Mas como já não era o revolucionário de outros tempos e, antes, se desfazia em vênias à Rainha, o Governo deixou-o em paz, entregue aos seus platónicos amores, aos requintes da

sua indumentária e ao seu labor de literato.

O tempo das briosas lutas, do sangue a ferver nas veias, já ia longe. Pode, mesmo, dizer-se que, em Garrett, o ideal da patuleia era apenas fonte de inspiração artística e, quanto ao mais, estava metamorfoseado

num conservantismo romântico, num monarquismo piegas, e num anseio utópico de liberdade. Ora, se a isto tudo juntarmos o despeito de se sentir pontapeado pelos políticos, teremos as causas determinantes duma das suas melhores obras de teatro — o «Alfageme de Santarém» — que, interpretada pelo actor Tasso, fez sucesso em 1841.

Costa Cabral e os seus apunhaçados viram na peça uma crítica à política de D. Maria II e tentaram todos os meios para evitar que subisse à cena. Por fim, como não tivessem conseguido os seus intentos, pensaram pateá-la! Mas aquele valente Alfageme (que se diz ter corrigido a espada de Nun'Alvares) simbolizava o tipo do herói anónimo, que tornara possível a vitória sobre o castelhano: Era valente como as armas, constante e desinteressado como um bom vilão, generoso e justo como um português de lei. Odiava a nobreza porque esta espezinhava a sua classe, mas om-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVA CARTA DE OLHÃO

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

COMO deixara dito na carta anterior, para a devida compreensão da história artística medieval, é de magna importância comparar o que se passava na Itália com o que se oferecia nos outros países do Ocidente europeu, ao tempo em que meados do século VII — se dá a primeira diáspora bizantina.

Ora se na Itália, e em Roma em particular, ao contrário do que por muito tempo se julgara, as primeiras basílicas cristãs, desde

os princípios do século IV em que a Igreja pôde ter legalmente paz e protecção, não foram, de modo algum, os edifícios pagãos civis, destinados a tribunais e lugares de reunião e de transacções — basilicas por isso chamados, como quem diria edifícios reais, públicos ou do Estado, — os quais o imperador Constantino mandara entregar à Igreja para esse novo uso; mas, os templos do novo culto foram, sim, construídos de nova planta (pois muito menos foram convertidos em igrejas os templos pagãos) e devem ter derivado de três tipos de arquitectura: a casa privada, os cubículos das catacumbas e as capelas construídas sobre os cemitérios; é facto todavia que nos séculos a seguir, e particularmente já desde o século VI, o caso muda de figura, passando os templos pagãos, abandonados definitivamente, a serem aproveitados.

É positivo que, durante o período de revolta das invasões do século V, quando os ostrogodos e depois os lombardos apunhalavam, por assim dizer, a Itália, os papas continuaram decorando as suas igrejas com novos mosaicos e pinturas.

Então, pouco ânimo teria havido para construir. De resto, o grande Teodrico, rei ostrogodo,

NOVO JARDIM MARGINAL

JÁ está a ser frequentado, regularmente, pelo público e recintado ajardinado, na Avenida da República, o qual apresenta diversos canteiros devidamente arrelvados, mas ainda com poucas flores, e dispõe de vários bancos de madeira, bem como do indispensável sistema de regas.

Também ali foi construído um pequeno muro, a servir de miradouro sobre o Guadiana, defronte à Ilha espanhola de Canelas, ao mesmo tempo que actua como resguardo para as crianças bulicosas e descuidadas. Julgamos, no entanto, que esta protecção deva ser ainda ampliada, a fim de cobrir toda a frente do jardim, confinante com o rio.

A DOCA DE PESCA

JÁ se encontra nesta vila uma broca de sondagens, para proceder às perfurações necessárias e à recolha de materiais dos fundos, para estudo, no local previsto para a construção da futura doca de pesca do nosso porto.

Satisfaz-nos imensamente esta notícia, desejando que não tarde a realizar-se este importante melhoramento.

do, ariano por demais, parecia sobretudo empenhado em conservar. Mas enquanto ele fazia construir em Ravena o seu monumental mausoléu, com a celebre cúpula monolítica de dez metros de diâmetro, (tarefa gigantesca, porquanto não havendo pedra na Itália, se sabe, também pela qualidade do material, que fora transportado,

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

CARTA DE LISBOA

A GRANDE REALIDADE

COLORIDA e tranquila, ainda sem funduras de «metropolitano», ainda sem alturas de «arranha-céus», Lisboa é uma capital sem férias, uma capital em serviço permanente.

Ao contrário de tantas outras, a capital portuguesa não vai para férias no verão, não guarda na «valise» turística os assuntos penderes da governação, para os despachar, na praia, entre um «cocktail» gelado e um baile no casino; por isso, Lisboa tem sempre, mesmo no verão, alguma coisa de sério a dizer, alguma coisa de sério a dizer, alguma

ma coisa que transcende a frivolidade das capitais em férias.

Assim é agora. Do muito que se pode dizer de Lisboa, neste soalheiro Setembro, há um acontecimento que dia a dia avulta, não só nas primeiras páginas da Imprensa, não só nos noticiários da Rádio, mas também na interessada estima dos lisboetas: a visita ao Brasil do prof. dr. Paulo Cunha, como representante de Portugal nas comemorações do quarto centenário da fundação de São Paulo.

Tudo contribuiu para dar a esta visita um relevo e uma projecção invulgares: a personalidade do Ministro dos Negócios Estrangeiros, tão brilhantemente evidenciada na defesa dos direitos de Portugal contra as pretensões imperialistas da União Indiana; a atitude assumida pelo Brasil, desde a primeira hora do conflito luso-indiano, e testemunhada pelos mais eminentes valores da Nação Irmã; o fraterno sentimento de máguca com que

O RISO DA SEMANA



— O doutor está a ver? Ele tem a mania de que é mosca...

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa e filho, encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. João Henrique Soares, residente em Vendas Novas.

Em digressão pelo Algarve, acompanhado de sua esposa, tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso prezado assinante, sr. António Guia da Palma, residente em Monchique.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª Dr.ª D. Maria Isabel Carrilho Negrão, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Lúcio Alves Negrão, residente em Lisboa.

Encontram-se em Almodôvar, a convite, como hóspedes do sr. Manuel Messias, conceituado proprietário naquela vila, os srs. Armando António de Mendonça Rocha Cruz e José Armando Rosa.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante, em Lisboa, sr. José Oliveira Castanheira, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo e assinante sr. António dos Anjos Ruivinho.

Vimos nesta vila, onde esteve de visita a sua família, o nosso amigo, sr. José Rúben Martins, funcionário dos C. T. T.

Com sua esposa, sr.ª Dr.ª D. Maria Luíza Augusto de Mattos, professora do Liceu de Évora e sua gentil filha, retirou para aquela cidade, o nosso prezado amigo, sr. José Rodrigues de Mattos, que durante o verão esteve de visita a seu sogro, sr. Joaquim Augusto, nosso estimado assinante.

De visita a seu irmão, sr. Manuel da Silva Domingues, esteve nesta vila a sr.ª D. Maria da Conceição Silva Domingues Beles, residente em Faro.

Retirou para Lisboa, o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Miguel Palmeta.

Falecimento

Faleceu, nesta vila, no passado dia 20, devido a uma congestão, o sr. João Estêvão, marítimo, 63 anos de idade, natural de Monte Gordo.

O extinto era casado com a sr.ª D. Emília Gonçalves Barradas, e pai do sr. João Estêvão.

O funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

ACTIVIDADES

DA CASA DO ALGARVE

A DIRECÇÃO da Casa do Algarve, em sua última reunião, deliberou realizar, no dia 24 do próximo mês de Outubro, um almoço de confraternização em homenagem ao consócio benemérito e ilustre escritor, sr. dr. José Guerreiro Murta, actual reitor do Liceu Passos Manuel e presidente da direcção do Montepio Geral, almoço para que podem inscrever-se, desde já, todos os amigos e admiradores do homenageado; em 10, 17 e 31, «Tardes Algarvias», dedicadas às famílias dos sócios, e, em data a anunciar oportunamente, uma conferência sobre assunto importante da economia algarvia, seguida da exibição de filmes.

Na mesma reunião, foi exarado em acta e comunicado ao sr. Governador Civil de Faro um voto de profundo pesar pelo trágico descarrilamento do «rápido» do Algarve, voto a que se acaba de associar a «Casa do Algarve de Lourenço Marques», através do seguinte radiograma dirigido à de Lisboa: «Casa Algarve expressando sentir todos algarvios Mocabique associa-se luto trágico desastre ferroviário pedindo V. Ex.ª apresentar condolências famílias sinistradas.»

EXCURSÃO A ESPANHA

Passou nesta vila, com destino a Sevilha (via Almonte), no dia 22 do corrente, uma excursão em autocarro, proveniente de Vieira de Leiria, com a matrícula PN-15-44, e pertencente à Empresa Joaquim Natário.

O regresso da mesma efectou-se também por esta fronteira, no dia 24, e o autocarro de excursionistas, que tem o peso b. de 8.500 kgs., foi transportado facilmente pelo novo ferry-boat «Campino», sem qualquer incidente.

A FILARMÓNICA LOCAL PODERÁ SER UM FACTO?

Sr. Director,

FICAR-LHE-IA sumamente grato se me concedesse um cantinho do seu apreciado semanário, para desenvolver algumas considerações, a propósito da carta subscrita por «A. L. B.», e publicada pelo «Notícias do Algarve», no seu número anterior.

Como membro activo do Glória F. C., desvaneci-me o interesse expresso por aquele nosso conterrâneo, quanto à acção cultural e educativa desenvolvida por esta popular agremiação, e bem assim as palavras de simpatia que lhe dirige, estando certo de que todos os sócios lhe estamos reconhecidos, por nos vermos compreendidos e apoiados por uma pessoa que se evidencia esclarecida e prova ser bom amigo da sua e nossa terra. Posto isto, e como cooperador assíduo das várias actividades e empreendimentos que este clube tem levado a cabo e intenta realizar de futuro, julgo-me no dever de assumir o encargo de prestar alguns esclarecimentos, tendentes a precisar melhor, perante o público desta vila, a posição assumida pelo Glória F. C., em relação à Filarmónica.

A sugestão agora apresentada por «A. L. B.», em termos expressivos e justos, não sendo aliás ideia nova, revela-se, no entanto, oportuna e digna de consideração, e eis porque convém trazer a público os elementos de informação necessários para se avaliar o que se tentou realizar anteriormente e das possibilidades de se conseguir reorganizar a Banda de música.

A intenção de levar a efeito a simpática ideia de facultar à nossa terra um grupo filarmónico, que reate as suas tradições artísticas e sirva de recreio dominical e de factor adjuvante na educação do gosto musical dos seus habitantes, reveste dois aspectos, que formam uma alternativa, no que ao Glória concerne: Ou se previa uma fusão deste clube com os elementos da extinta Sociedade Filarmónica 1.ª de Dezembro, ou se encarava a criação, no Glória, duma secção musical, que teria como finalidade a fundação duma nova Banda, aproveitando os executantes e aprendizes que quisessem prestar o seu concurso.

A primeira não obteve êxito, pelo facto de se não haver chegado a acordo entre as direcções dos dois clubes interessados, dada a intransigência manifestada, em várias reuniões, pela antiga Filarmónica, ante as propostas e plataformas de entendimento apresentadas pelo Glória. Assim, tudo ficou como dantes, isto é, continuou a vila a não ter música própria. A segunda parte da alternativa continha a hipótese — que revive agora — de se criar uma nova Banda, como secção do Glória F. C., para o que seriam necessários o patrocínio da autarquia municipal, a colaboração dos antigos músicos, como núcleo inicial, e a contribuição, como associados, de todos os vilarealenses compreensivos. Logicamente, se todos os interessados se capacitarem, em plena consciência, das responsabilidades que lhes cabem, e puserem acima de tudo o interesse da arte e o seu bairrismo, achamos que é a altura de assumirmos uma posição activa e cooperante: nós marcando a presença e a disposição de trabalhar, e os que mandam e podem, facultando ao Glória as condições de empreender aquilo que outros não querem ou não podem realizar.

Terão de afastar-se preconceitos inúteis, esquecer ninharias, mas o interesse e o bom nome da nossa terra primam sobre tudo. Lamento, como todos, o colapso da Filarmónica 1.ª de Dezembro, ocorrido numa ocasião em que esteve atuante por alguns anos. Tal acontecimento magoou fortemente a minha sensibilidade, naturalmente propensa ao amor da arte musical, já pela perda artís-

PROFESSORES

E REGENTES AGREGADOS

TODOS os professores e regentes agregados são obrigados a requererem, em papel selado, ao Director do Distrito Escolar de Faro, nos dias 1 e 2 de Outubro próximo, 20 escolas ou postos pela sua ordem de preferência é bem assim indicar a respectiva classificação de diploma, anos de serviço e preferência a que tenham direito.

Os que o não fizeram perdem o direito a qualquer preferência e são colocados nas escolas ou postos não requeridos.

No dia 4, todos deverão levantar os seus alvarás de nomeação, para entrarem em exercício no dia 6 do mesmo mês. Têm, portanto apenas o prazo de 4 a 6, para entrarem em exercício.

tica que a minha terra experimentava, já pela emoção de ver mais uma parcela querida da antiga alma da nossa vila, que desaparecia, como tantas outras de que só resta a saudade.

Todavia, para reerguer a nossa Banda (de nós todos), sob a égide e com a denominação do popular Glória F. C., nada mais será preciso do que a certeza de esta agremiação ser secundada nos seus esforços e patrocinada pelo Município local. Quanto a nós, sócios,—e o signatário da presente, em particular,—sentimo-nos dispostos a empregar as nossas capacidades e iniciativa para a pôr de pé.

Bem haja, pois, o sr. «A. L. B.» pelo alvitre lançado a lume, que, quanto mais não fosse, serviu de factor desencadeante daquilo que todos afinal pensamos e queremos, e permita-me, de passagem, que objecte a minha discordância quanto à mudança de nome do Clube. Sem contar com os precedentes (Banda do Sport Lisboa e Faro, etc.), não vemos que exista incompatibilidade entre o futebol e a música. Por isso, nada obsta a que um grupo futebolista, como é o nosso, episodicamente inactivo nesta modalidade central, mas que já criou e mantém vivas as suas secções: recreativa, dramática e cultural, venha igualmente a organizar um grupo filarmónico sob o seu honroso nome e bandeira tradicional.


A Banda do Glória — se vier à luz das brisas pombalinas — não pecará por falta de eufonia na designação... nem nas semifusas e colcheias que futuramente haja de emitir em público; além de que não há vantagem em se alterarem estatutos, melindrar associados, etc.

Queiram-no as autoridades, os nossos conterrâneos e todos os amigos de Euterpe harmonizadora, que da nossa parte só haverá a vontade de sermos prestáveis à terra. Aguardemos todos que tal se verifique e, por minha parte, agradecendo ao vosso colaborador «A. L. B.» pela gentileza, e a V. sr. Director, pela amável aquiescência em publicar a presente carta, subscrevo-me

De V.
Muito Atenciosamente,
J. P.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

MOCIDADE PORTUGUESA

LEMBRANÇAS PARA OS

COMBATENTES DA ÍNDIA

NO prosseguimento da campanha nacional de recolha das lembranças destinadas aos nossos soldados em serviço na Índia Portuguesa, iniciada pelos jornais «Diário Popular» e «Diário de Notícias» e com o patrocínio da «Caritas», Cruz Vermelha e da Mocidade Portuguesa, não pode a nossa terra ficar indiferente, impondo-se, pois, que todos contribuam, com os seus donativos em dinheiro e artigos diversos, para esta cruzada patriótica.

A Ala 6.ª da M. P., nesta vila, agradece que todas as lembranças sejam entregues na Casa da Mocidade, Avenida da República, todos os dias úteis, das 15 às 17 horas.

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnico), executado em/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES
Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

PROVINCIA

ALGÔS

Desporto

A secção nomeada para enfrentar o problema desportivo do Sport Algôs e Benfica, a que preside o espírito de invulgar qualidades e tenacidade do nosso estimado amigo e assinante do nosso jornal, sr. Diamantino Augusto Calado Dias, e ainda com o valioso concurso de gentis meninas da localidade, leva a efeito no próximo domingo, 26, importantes festas.

O programa, cuidadosamente preparado, reúne interesse bastante e dele fazem parte:

Às 7 horas, alvorada; às 15 horas, quermesse e abertura do bar; às 14 horas, encontro de Voleibol, entre adeptos do Benfica e do Sporting; às 15 horas, corridas de bicicletas às fitas; às 17 horas, sensacional encontro de futebol entre o Faisca Futebol Académico, campeão popular de Lagos, e o onze do Sport Algôs e Benfica. Neste encontro, será disputada a taça «Francisco C. B. Corte Real», como reconhecimento a este consócio pelo amparo que lhes tem concedido. Justa homenagem a que nos associamos sinceramente.

Afigura-se-nos, pelas referências que colhemos acerca do valor do grupo que nos visita, uma partida plena de emoção, porquanto o onze do Sport Algôs e Benfica, com um conjunto de vontades e que tem esta época contado por vitórias, e bem expressivas, os seus encontros, nomeadamente com os grupos de Messines, Ferragudo e Parchal, desejará por certo manter a sua carreira triunfal e conquistar mais um troféu.

Confiamos no belo espírito das equipas, e que a luta seja de prestígio e nobre causa.

A noite, terá lugar, na sala de

festas do clube, abrilhantado por uma das melhores orquestras algarvias, um grandioso baile.

De luto

Por virtude do falecimento de seu irmão, que se registou em Caela, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e conceituado comerciante desta praça, sr. Manuel R. da Conceição Trindade, a quem apresentamos respeitosos sentimentos de pesar, bem como a sua família.

Doente

Continua sem melhorar o nosso prezado amigo e importante proprietário, sr. João Pedro da Silva Negrão, um dos companheiros de Mousinho, na prisão do Gungunhana, a quem desejamos sinceramente as melhores.

Álvaro Duarte Gomes

Acompanhado de sua família, encontra-se a descansar uns dias, na pitoresca praia de Armação de Pera, este nosso prezado amigo, viajante comercial.

Novo estabelecimento comercial

Depois das obras por que passou, e lhe deram as características indispensáveis às exigências modernas, de melhor e mais confortável estabelecimento local, encontra-se ao serviço da sua numerosa clientela o da conceituada firma local, Francisco Marreiros Leite (Herdeiros). Com a sua divisa — melhor servir os que a preferem — marca-se na vida comercial da praça mais um passo no seu progresso e modernismo. Ainda bem, e que outros dentro das suas possibilidades, possam dar-nos essas surpresas.

Aos seus proprietários e demais cooperadores, as nossas felicitações e desejos dos mais francos progressos. — e.

Nova carta de Olhão

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

tada da Dalmácia, através do Adriático!...), os papas não teriam querido ficar-lhe atrás, persistindo em continuar a velha tradição romana de se eternizarem por meio de novos edifícios. Simplesmente, não tiveram então necessidade de os erguer desde os alicerces, de levantar construções de nova planta, pois estavam ali os templos pagãos abandonados, que podiam bem aproveitar para o culto cristão.

Ora a mais sensacional destas transformações foi a do famoso Panteão d'Agripa. «Estava quase intacto, relata Pijoan, com as suas telhas de bronze e as estátuas de Cibele e de Júpiter no interior. Foi consagrado pelo papa Bonifácio IV, no ano 610, à Virgem Maria e a todos os Santos. A festa do 1.º de Novembro, que a Igreja Católica celebra por toda a parte, recorda ainda aquela solene dedicação. Segundo diz Barónio, levaram-se para o Panteão vinte e duas carradas de ossos santos das catacumbas. Não foram precisos grandes trabalhos para transformar o Panteão em igreja. Não houve necessidade de decorá-la com frescos e mosaicos; pelo menos, nenhum deles chegou até nós».

Vários edifícios de Roma receberam assim nova vida com a liturgia católica. «Os papas, para immortalizar a honra de lhes ter dado este novo emprego, retrataram-se em mosaicos que, com terrível realismo, deviam confirmar a sua cristianização. Estão ali ao lado dos santos patronos a quem dedicavam a igreja. São retratos de personagens, alguns deles bem romanos; e os sobrolhos carregados e as maçãs enrugadas, acusam o carácter violento da época em que tiveram que viver.»

«Porém, estes papas tão romanos e tão duros, mostravam-se tolerantes em arte, e aceitaram as novidades de estilo que vinham de Bizâncio ou se produziam na mesma Roma.» Porque, de facto, nem tudo era importado. «Roma continuava capaz de uma estranha actividade artística.» «Não se construía, é verdade, por desnecessário, dada a grande quantidade de edifícios, em excesso até, aproveitáveis para o culto.» «Tão pouco se necessitava de esculturas, que haviam sido a obsessão da antiga Roma... (e de facto a escultura romana desta época é quase nula). Mas os mosaicos, esses, «formam uma verdadeira galeria, onde podem estudar-se com grande precisão as diferentes maneiras de técnica e de mudança de gosto, que uns consideram progresso e outros decadência...»

A série desta galeria poderia começar com o mosaico da ábside da Igreja dos Santos Cosme e Damião, que é «o último exem-

plo da arte clássica de Roma», com as figuras de Cristo, no centro, tendo à direita S. Paulo e S. Damião e à esquerda S. Pedro e S. Cosme, com o papa Felix IV (526-530) entre ambos.

Cinquenta anos mais tarde, outro papa decorou com mosaicos a ábside da Basílica de S. Lourenço; e do século VII, (por volta de 635) é o da ábside da basílica de Santa Inês. Mas neste a mudança de estilo é já completa. «As figuras — Santa Inês entre os papas Honório e Simaco — estão erguidas, como paralizadas sobre o fundo de ouro: aparição de três actores na cena depois do acto», todos três indumentados à maneira bizantina. «Deve pensar-se que o mosaico de Santa Inês é obra dum grego? Os retratos, com as suas caras, revelam que são todavia ocidentais, ainda que já domesticados por Roma e Cristo».

A série de mosaicos romanos continua com o do ano 650 em Santo Estêvão Rotondo, antigo templo pagão, convertido em igreja; outro mosaico, de 672, se encontra em San Pietro — *ad-Vincula*; vários outros do tempo dos papas João VII (705-708), Gregório II (715-731) e Leão III (795-816) nas igrejas de Santa Maria in Domínica, e S. Marcos, em Roma, mostram mudança ainda maior: «em vez de figuras solitárias como no de Santa Inês, encontramos grupos de manequins, rígidos, estranhos como autómatos, desprovidos de carácter e de personalidade».

Evidentemente, estes factos denunciam a influência bizantina, em Roma mesmo, dos monges da primeira diáspora que já vimos. E essa influência traduziu-se ainda num outro facto de que aqueles outros teriam sido consequência: é que «a influência dos monges bizantinos em Roma conseguiu impôr sete papas consecutivos, de origem grega ou síria, no século VIII. Os seus pontificados foram curtos, mas tiveram tempo de introduzir em Roma os seus gostos e estabelecerem o estilo bizantino, com novos mosaicos e pinturas.»

Desses sete papas gregos, ver-se-á a importância especial que teve aquele que, sob o nome de João VII, transformou as ruínas da biblioteca do palácio do imperador Augusto numa igreja católica: a de Santa Maria a Antiga, cujos frescos formam uma série de pinturas abarcando todo um século, da mais alta importância e significado para a história das origens da pintura, na Itália medieval, conforme veremos, e do maior valor intrínseco, a avaliar pelo retrato do papa Zacarias, que Pijoan reproduz a cores no citado vol. VIII da sua *Summa artis*, retrato esse que, pela força da expressão, «não tem nada que inve-

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 17 a 23 de Setembro:

TRAINEIRAS

Brisa	83 830\$00
Agadão	76 040\$00
Raulito	75 115\$00
Flor do Guadiana	72 780\$00
Leste	63 235\$00
Flor do Sul	58 840\$00
Maria Rosa	51 827\$00
Levante	50 970\$00
Liberta	46 320\$00
Deolinda Rita	39 435\$00
Janita	36 435\$00
Novo S. José	35 965\$00
Sam Domingos	32 250\$00
Pinguim	30 600\$00
Bátnha	30 415\$00
Carmela	28 660\$00
Tufão	23 090\$00
Norte	17 165\$00
Persistente	17 090\$00
Pérola do Guadiana	12 910\$00
Afrifana	12 000\$00
Lola	11 250\$00
Boreal	10 970\$00
N. Sr.ª da Pompeia	6 800\$00
Maria Sérgio	3 800\$00
Senhora da Piedade	3 460\$00
La Rose	3 050\$00
Nice	1 250\$00
Sol	1 120\$00
Trio	1 040\$00
Total	937 714\$00

CÉRCOS

Amazona	117 345\$00
Rio Minho	5 550\$00
Portugal II	5 100\$00
Azevedos	2 750\$00
Novo Machado	1 200\$00
Total	131 945\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

de 17 a 23 de Setembro:

Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubos.

Saídos:

JURA, Suíço, de 886 ton., para Rotterdam, com minério.

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 25 de Setembro a 1 de Outubro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marques de Pombal-Telefone 49.

Liceu Nacional de Faro

INSPECÇÕES MÉDICAS

PREVINEM-SE os candidatos à primeira matrícula neste Liceu, de que esta só se considerará definitiva depois da inspeção médica a que terão de sujeitar-se, devendo, para este efeito, comparecer no gabinete do médico escolar, no edifício do Liceu, nos dias e horas a seguir indicadas.

Candidatos residentes em Faro, 29 de Setembro:

Sexo masculino . . . 9 horas
feminino . . . 15 »

Candidatos não residentes em Faro, 30 de Setembro:

Sexo masculino . . . 9 horas
feminino . . . 15 »

«Diário Popular»

FESTEJOU, no passado dia 21 do corrente, o seu 12.º aniversário o importante diário lisboeta «Diário Popular», que muito tem sabido honrar a imprensa portuguesa, pelos seus evoluídos processos de jornalismo moderno, digno e brilhante, e pelas louváveis iniciativas de projecção nacional, que tem lançado com pleno êxito.

A este nosso prezado colega da capital, bem como ao seu ilustre Director, sr. dr. Cunha Leão, que pela nossa vila muito se têm interessado, com vista ao seu progresso, tendo distinguido este semanário, em várias ocasiões, com provas de gentileza que nos penhoram, apresentamos, a propósito da festiva data ocorrida, as nossas felicitações cordiais, com votos de longa vitalidade e maior expansão.

Está triste?
A vida corre-lhe mal?
L X X A
«CARA ALEGRE»
Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

Jar às pinturas post-impressionistas dos nossos dias.
Olhão, 16-9-54

Francisco Fernandes Lopes

VIDA LITERÁRIA

Por JOÃO A. MENDES LEAL

UM HOMEM OLHOU A VIDA, contos — Ed. Liv. Luso-Espanhola
SAFRA DOS ANOS, Romance — Ed. do Autor

DE RUI NEVES

O ACASO atirou para as minhas mãos, quase sem intervalo, duas obras dum mesmo autor, uma já relativamente antiga, e a outra recentíssima. Uma larga fronteira separa estes dois volumes, fronteira não só de tempo e de género, mas também, e principalmente, de qualidade e de afirmação.

Gostei mais de ler Rui Neves como contista. Mostrou, sem dúvida, neste género muito mais possibilidades, que são ainda mais palpáveis nas histórias de pura imaginação do que naquelas em que toca, talvez por falta de assunto, na estafada tecla da autobiografia. Na sua primeira obra, Rui Neves fez promessas que não foi depois capaz de sustentar. Digo mesmo mais — quem não conhecer a «Safrados Anos», apreciará melhor, e sob outros aspectos, «Um Homem Olhou a Vida».

Porquê? Porque «Safrados Anos» além de não ser um romance, é uma história mal contada e sem qualquer espécie de interesse. Uma autobiografia só se justifica, como assunto de todo um volume de trezentas páginas, quando o seu Autor teve uma existência de tal maneira aventureira, curiosa ou invulgar, que possa, de alguma maneira, interessar o grande público leitor. Ora a vida de Rui Neves, que figura no seu «romance» sob o nome de Carlos Enes, é tudo quanto há de mais vulgar e de mais banal. Nada tem de extraordinário um indivíduo ser despedido de um emprego, por ter agredido o patrão, nem praticar boxe, nem futebol, nem aprender a nadar, nem ter aventuras amorosas, nem ter — aos vinte anos — aspirações de celebridade, nem ter um primo médico com os mesmos anseios, nem uma série de outras banalidades do mesmo estilo. Consequência? O leitor aborrece-se, luta contra o sono, suspende a leitura, respira fundo e, na maioria dos casos, acabará por abandonar o livro, sem ter conseguido chegar ao fim. Uns pingos deste narcisismo ocupam também algumas páginas de «Um homem olhou a vida», mas como são apresentados de mistura com histórias bem contadas e de certo interesse, sucede que o livro de contos de Rui Neves atinge um nível bastante acima do seu «romance».

No estilo de Rui Neves, apenas lhe apontaremos um senão de certa monta e que é o seu desmesurado abuso das comparações. A comparação ajuda a criar imagens literárias de inegável beleza, mas usada em excesso torna a leitura fastidiosa e chega mesmo a quebrar a sequência da narrativa. É como a pimenta, que empresta sabor à comida, mas que deve ser empregada em doses sabiamente calculadas.

Para atingir a fama com que sempre sonhou, Rui Neves, tem que escolher das duas uma: ou enveredar por outra actividade, o que seria lamentável para quem foi sempre muito bom aluno de português no liceu, ou continua pelo caminho das Letras, mas abandona os temas autobiográficos que o não podem beneficiar. Dê asas à sua imaginação, ponha de parte, como matéria imprópria, os magros episódios da sua curta vida, esqueça que escreveu a «Safrados anos», e procure escrever um romance, mas um romance de verdade e que o não seja só pelas centenas de páginas impressas que ocupa. Tem qualidades para tal? Eu creio que sim, porque quem compôs «Um homem olhou a vida», revela de facto uns predicados que não podem deixar-nos indiferentes.

E não tenha pressa de encher volumes. Margaret Mitchell entrou na História da Literatura com um único romance, e já houve quem escrevesse dezenas e nunca lá tivesse posto os pés. Em Literatura, a qualidade está muito longe de ser uma função da quantidade.

Ficamos aguardando a obra que Rui Neves nos promete para breve, no fim da «Safrados anos», e desejamos que ela fuja aos moldes de que o Autor se serviu para fundir o seu primeiro «romance».

justa nomeada internacional, acaba de ver publicado o segundo volume das suas memórias, sob o título de «Toute ma vie». Num estilo ligeiro e desprezencioso, conta ela como dançou com Charlot, como cantou com Jean Gabin e como interpretou ao lado do grande Raimu. Diz-nos, ainda, em que circunstâncias encontrou Cécile Sorel e Josephine Baker. Nas suas páginas, desfila, enfim, todo o sabor da vida nocturna de Paris, nas salas mundialmente célebres do Casino, do Moulin Rouge e das Folies Bergères.

O Grande Prémio Literário da Indochina, no valor de 50.000 francos e de muitos milhares de exemplares de tiragem, acaba de ser atribuído a Georges-Léon Descamps pelo seu romance «Broussards d'Indochine».

O romancista inglês Ewen Montagu acaba de ver o seu romance «O homem que não existia» traduzido para francês (Ed. Julliard). Este livro foi tirado dos arquivos do Intelligence Service e conta a história palpitante dum inglês, cujo corpo descansa num pequeno cemitério espanhol.

«L'Étoile, les ailes et la couronne», é o título do romance a que foi atribuído, recentemente, o Grande Prémio Literário do Aero-Clube de França. O autor é Bernard Duperrier e o conhecido Joseph Kessel honrou a obra com um notável prefácio que muito a valoriza.

Frank Owen, que foi redactor-chefe de dois grandes jornais ingleses, conheceu, durante a sua vida profissional, um personagem de nome Eddie Chapman, cujas aventuras transcreeu para um livro que se intitula «A história de Eddie Chapman». Eddie Chapman foi definido como «o homem mais corajoso que jamais serviu o seu País», e a sua vida é contada pelo jornalista inglês, num ritmo impressionante, que toma conta do leitor, desde a primeira página.

Françoise Sagan, uma jovem desconhecida, foi considerada este ano, em França, como a revelação da época, depois do aparecimento do seu livro «Bonjour, Tristesse». Em França, a obra já atingiu a cifra dos 120 mil exemplares e já conta no estrangeiro com as seguintes edições: inglesa, americana, italiana, alemã (Ullstein), espanhola (Janes), sueca, dinamarquesa e argentina!

Françoise Sagan prepara um novo romance, que conta concluir em Dezembro, e cujo enredo ela própria conta, em traços largos: «Uma rapariga de dezasseis anos chega a Paris e faz o conhecimento dum homem de trinta e cinco anos, que lhe abre os olhos para a vida. Mas o homem é casado. O caso não tem saída.» Mas, em todo o caso, é então que a crítica espera o «seu pequeno monstro», «ao virar da esquina».

A última da hora, soube-se que um editor japonês acaba de adquirir os direitos de tradução para «Bonjour, Tristesse»!

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Mistinguét, aquela que foi distinta bailarina e companheira de muitos anos de Maurice Chevalier, e cujas pernas lhe valeram uma



DESporto

Hóquei em Patins

Com a presença do Presidente do Município, sr. dr. Alonso Vasques, e do comandante dos Bombeiros Voluntários desta Vila, sr. Luis Cardoso de Figueiredo, decorreu com muito brilho e entusiasmo o festival realizado no Parque dos Bombeiros na noite da passada 6.ª feira.

No intervalo do último jogo, o sr. Presidente da Câmara fez entrega ao capitão da equipa do Juventude da taça ganha pela equipa na disputa do último torneio. Os outros grupos que tomaram parte no festival receberam lindos galhardetes ofertados pela Comissão Organizadora.

Celeiro, 6 — Cavaleiro Andante, 1

Árbitro: Sr. Joaquim Ribeiro. Celeiro: Albano, Vitoriano, Pedro, Costa e Alves.

Cavaleiro Andante: Rosa, Xavier, Eduardo, Toledo e Horta. A vitória do Celeiro foi justa e serve para aureolar o grupo mais possante e de melhor engrenagem de conjunto.

O simpático grupo do Cavaleiro Andante não saiu diminuído, mas, pelo contrário, confirmou, uma vez mais, as futuras possibilidades dos seus elementos.

Não queremos, porém, deixar de censurar a condenável atitude de um dos seus elementos, que lhe custou a expulsão por dois minutos, permitindo-se discutir, com pouca elegância, uma decisão do árbitro.

Não mencionamos o seu nome, convencidos que a sua irreflexão não voltará a repetir-se, para o seu prestígio pessoal, para prestígio da sua equipa e também para salvaguarda do futuro da modalidade na nossa vila.

NÁUTICO, 7 — LUSO, 7

Árbitro: Sr. V. Pires, de Portimão. Náutico: Rosa, Ruivo, Mateus, Coelho e Ezequiel.

Luso: Clílo, Pescada, Desidério, Campinas, Rosa e Primitivo. A partida agradou à assistência, não só pelo entusiasmo com que as equipas se bateram, de princípio a fim, como também pelo número avultado de golos registados.

O Náutico, depois de estar na situação de desvantagem de 0-3, teve uma brilhante recuperação marcando 5 golos seguidos, 4 dos quais por intermédio de Ezequiel.

No início do segundo meio tempo o Luso experimentou uma forte reacção, com Campinas em primeiro plano, e o resultado não tardou em mudar bruscamente para 7-5, a seu favor.

Poucos minutos antes do fim, Mateus e novamente Ezequiel lograram marcar tentos para a sua equipa, estabelecendo se o resultado final de 7-7.

Boa arbitragem, resultado justo e partida entusiástica e correcta.

IMORTAL, do Albufeira, 7 JUVENTUDE, 4

Árbitro: Sr. Joaquim Ribeiro. Imortal: Gonçalves, Estrela, Barros, Heider e Frutuoso. Juventude: José Luis, Salvador.

CINE-FOZ

Apresenta, hoje, uma alegre comédia primaveril, em technicolor, Paris em Abril, com Doris Day e Ray Bolger. Um filme em que se ama em Paris com música e alegria, e cuja acção decorre entre gargalhadas.

Boa música, belas mulheres e esplêndidos bailados. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Quinta-feira, 30, um grandioso programa duplo. O aventureiro do Mississippi, com Tyrone Power e Piper Laurie. Nova Orleans, a cidade do luxo e do prazer, no período áureo dos duelos de honra e das festas deslumbrantes. Duas mulheres na vida dum homem que ganhou fama em todo o Mississippi, pela sua correcção e pelo destemor com que enfrentava as piores situações.

A morte na selva, com Jane Wyatt e Julie Bishop. A selva traiçoeira onde as feras e o clima se aliam para tornar insuportável a vida dos brancos. Um drama surge quando um homem se sacrifica pelo ideal que o levava ao inferno verde. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Cavaco, Faísca, Clemente e Castanheira.

O resultado não pode sofrer contestação.

Os visitantes denunciaram superioridade individual e melhor concepção nas manobras de conjunto. Os elementos que mais nos agradaram foram o defesa Estrela e o avançado Frutuoso. O primeiro é jogador de excente domínio de bola e de boa patinagem. O segundo é um atacante de processos simples e de remate fácil e potente.

Os nossos conceterrâneos responderam à superioridade do Imortal com uma defesa considerável de entusiasmo e muita rapidez mas o seu conjunto poucas vezes evoluiu com equilíbrio e harmonia entre os seus sectores.

Na frente, sem embargo da boa vontade de Clemente e Castanheira, faltou quase sempre um complemento para o labor de Faísca. Na rectaguarda notou-se, inúmeras vezes, a falta de um elemento de apoio ao defesa Salvador quando atraído pelo avançado direito adversário.

Os barlaventinos marcaram muitos golos utilizando o clássico avanço pelo flanco direito (para «chamar» o defesa) e cruzando para o lado contrário, onde Frutuoso aparecia desmarcado em frente de José Luis, sem qualquer oposição, em consequência de Cavaco, ou de um dos avançados, não acorrerem com presteza à «dobra» necessária.

Ao intervalo os rapazes de Albufeira ganhavam por 3-2.

FUTEBOL

Campeonato Nacional (Zona Sul)

DESP. BEJA, 4 — OLHANENSE, 2

O «fracasso» apontado à equipa do S. C. Olhanense, no passado domingo, na sua deslocação à cidade de Beja, não nos trouxe surpresa alguma. E não nos trouxe surpresa, porque nós desde há muito que afirmamos que o grupo tem graves defeitos, sendo o principal proveniente do excessivo pessoalismo dos seus elementos em detrimento do conjunto. Também o seu treinador, Xavier Mascaré, pensa naturalmente da mesma forma.

No entanto, temos de reconhecer que não pode anular-se de um momento para outro o «vício» apontado.

Talvez fosse conveniente pensar-se noutra formação. Principalmente na linha média que nos parece o sector mais fraco em todos os aspectos. Fernandes e Berdejo têm na realidade jogado mal, sem precisão nos passes e sem darem colaboração na defesa. Também é preciso insistir que a bola é para girar por todos. É realmente para isso que jogam numa equipa onze elementos. Só assim poderemos ver algo dum grupo que este ano apresenta um onze regular e com algumas pedras de valor.

FARENSE, 2 — ORIENTAL, 2

O Farense no domingo passado ganhou e com todo o brilho frente ao forte grupo do Oriental um precioso empate, que é para os farenenses o mesmo que dizer uma vitória, porquanto o grupo lisboeta é o melhor da zona Sul. O Farense jogou e empatou e teria obtido uma vitória se tivesse a seu lado a sorte.

Importa salientar que o Farense, com os elementos que apresentou, pode encantar o futuro com certo optimismo. Sem ases de grande categoria, todos os seus jogadores procuram trabalhar para a equipa chegar depressa à baliza e rematar sem perda de tempo.

O público ficou por isso bem impressionado. Os rapazes da equipa tiveram todos o cuidado simpático de servir o clube, produzindo futebol que não deixou de ser bonito e útil.

Herculano Valente

A POPULAÇÃO DO ALGARVE

QUANTOS ÉRAMOS?

QUANTOS SOMOS?

Faro e Olhão, as terras mais populosas da província

POR nos parecerem interessantes, vamos extrair do último censo da população alguns números referentes ao Algarve. Há na nossa província 88.627 famílias e o número de habitantes é de 328.231, dos quais sabiam ler, na altura do recenseamento (1950), 152.419 indivíduos. Agora, vamos dar os números de habitantes dos núcleos populacionais, isto é, daqueles que residem efectivamente nas localidades e não nas freguesias de que elas são sede e que às vezes abrange áreas que ficam distantes das povoações dezenas de quilómetros. Aproveitamos para fazer a comparação entre os dois últimos censos:

	1940	1950
Albufeira	3045	5160
Alvor	1979	2210
Faro	17058	17631
Fuzeta	2315	2621
Lagoa	2462	2249
Lagos	6938	7143
Loulé	5442	6479
Monchique	1722	2169
Olhão	13627	16592
Portimão	9716	12066
Silves	4326	4361
Tavira	5972	7496
Vila R. S. António	5839	6086

Damos, a seguir, as populações dos concelhos cujas sedes não figuram na designação do núcleo populacionais:

	1940	1950
Alcoutim	10342	10808
Aljezur	7870	8088
Alportel	10645	9397
Castro Marim	9357	9810
Vila do Bispo	6097	6147

Verifica-se que as localidades de maior população são as de Faro e Olhão, sendo notável o progresso populacional registado nesta última e em Portimão. São as duas terras da nossa província que demograficamente maior interesse oferecem, no intervalo entre os dois recenseamentos. De lamentar é que, quanto a Vila Real de Santo António, não tivessem sido incluídos na zona da vila os bairros do Lazareto e do Matadouro, que estão dentro do perímetro urbano. Critério discutível dos funcionários recenseadores.

A freguesia mais populosa é a de N. Sr.ª da Conceição, cuja sede é Portimão, com 16.684 habitantes, e a menos populosa é a da Raposeira (Vila do Bispo), que acusa apenas 605 pessoas.

Abastecimento de água

TEM-SE registado, ultimamente, nesta vila e por vezes repetidas, a falta de água nas canalizações da rede pública, devido ao fornecimento da mesma ter de ser interrompido pelos Serviços Municipais respectivos.

Parece que a determinante destas aborrecidas interrupções frequentes tem sido o abuso no gasto do precioso líquido, feito, até com desperdício, por alguns consumidores avançados menos conscienciosos, dando lugar ao rápido esgotamento dos depósitos, que têm de abastecer três localidades.

Todavia, e para obviar aos variados inconvenientes que resultam dos bruscos cortes de água, não seria possível aos serviços distribuidores, sempre desejosos de bem cumprir, mandarem avisar a população da vila de qualquer prevista interrupção da água? Para isso, bastaria que um dos habituais pregoeiros anunciasse, com alguma antecedência, a suspensão do fornecimento, para que em todas as casas se fizessem as reservas necessárias, evitando assim os percalços que se têm verificado.

Os concelhos de maior densidade populacional do Algarve são: Vila Real de Santo António, Olhão, Faro, Lagoa e Portimão. Os menos povoados, Aljezur e Alcoutim. Em dez anos, a cidade de Silves registou o exíguo aumento de 35 habitantes, e em Lagoa verificou-se uma diminuição de 213 pessoas. No concelho de Alportel, também a população diminuiu de 1.048 habitantes.

O concelho de maior extensão territorial e o que conta maior número de habitantes é o de Loulé, que tem 50.953 almas, e o de menor densidade populacional é o de Vila do Bispo, que conta apenas 6.147 habitantes. Os concelhos que têm maior percentagem de pessoas que neles não nasceram são os de Olhão, Faro, Portimão e Vila Real de Santo António. Havia no distrito 255 estrangeiros.

De vez em quando...

AS FESTAS

DE ALCOUTIM

TIVE muita pena de não ter podido assistir às festas da minha terra. Assisti às que se realizaram nos dois últimos anos, e cujo produto revertia, como as deste ano, em benefício da comparticipação na construção do hospital sub-regional que ali se projecta levantar.

Ao que lá está, acompanhei-o a erguer e tem sido vasta, meritória, a sua acção, sob a direcção proficiente e humana do sr. dr. João Francisco Dias.

Juntei, merecida e proposadamente, os dois adjectivos e talvez o segundo esteja a mais, porque para o médico ser proficiente tem necessariamente de ser humano. Se a sabedoria não alia a compreensão, então é incompleto.

Para se aliviar a dor alheia, temos nós próprios também de a sentir. A carne que sofre é como que também carne do nosso corpo.

Ser forte não é ser indiferente, como ser calmo não é ser insensível.

As festas deste ano tiveram a novidade de um cortejo de oferendas, e estes têm a alta vantagem de ensinar a dar — e dar é um complemento ou um desdobramento do verbo amar.

Não se pode amar sem dar, e é tanto mais alto o amor quanto a gente se dá de si próprio.

Sei que o cortejo resultou interessante, no seu aspecto folclórico, com alguns quadros regionais bem delineados: — o zagal a guardar o seu gado, tocando a sua flauta à sombra de uma azinheira; a tecedeira com o seu tear de tão vivas e proveltozas tradições, que se vão esfumando na marcha do tempo e que seria interessante reavivar.

E por pouco que rendesse (não sei se muito se pouco), ficou como lição que é mister prosseguir.

De uma coisa sei eu, que é necessário evitar — a preocupação dominante de só ofertar trigo.

O concelho vive quase exclusivamente da agricultura cerealífera. Isso não quer dizer que não contribua com donativos de outro género.

O que é necessário é dar: — os ovos, o mel, o frangão, as amêndoas, o azeite, as meias de lã, tudo o que o concelho produz. Tudo se venderá, para o fundo que se pretende criar ou será consumido no hospital que lá está a funcionar.

Todos podem dar; mais — todos devem dar. Dar é consolar os que sofrem, é consolar-mo-nos a nós mesmos, no refrigério que damos às nossas agruras pelo bem praticado.

Dizia João Cidade, no mundo cristão, S. João de Deus: Dal esmola a vós próprios.

Profunda verdade; visão de largo alcance. A semente está lançada. É necessário prosseguir, acarinhá-la, para que se desenvolva e frutifique em colheita de farta abundância.

Trindade e Lima

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Admissão aos Liceus e Curso Liceal

(1.º e 2.º ano) 1.º ciclo

Dão-se explicações

PREÇOS MÓDICOS

TRATA:

Rua Cândido dos Reis, 113

Visado pela Comissão de Censura

O LIRISMO

em Bernardo de Passos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Bernardo de Passos é dividida em três ciclos. O ciclo inicial, correspondente à aparição do seu primeiro livro de versos, Adeus, publicado aos vinte e seis anos, define-o o dr. Vergílio Passos como a encarnação do génio do cancionero popular, com o seu lirismo ingénuo, cândido, melancólico, saudosista e místico. No segundo, com a publicação de Grão de Trigo, o espírito de Bernardo de Passos, mais culto, define-se e concretiza-se num panteísmo idealista e num amor universal que acompanha a sua obra até ao fim, numa inalterável continuidade. E, finalmente, no terceiro ciclo, em que o autor inclui os livros póstumos do Poeta, Refúgio e A Arvore e o Ninho, o seu panteísmo embeleza-se e simplifica-se, o amor e o sentimento universal sublimam-se, e a forma poética torna-se modelar.

«O lirismo em Bernardo de Passos constitui uma contribuição valiosíssima para o conhecimento deste admirável poeta algarvio, devoto apaixonado da sua terra, dotado de «sensibilidade eminentemente lusitana, contemplativo como um pastor e simples como um marinheiro», na feliz expressão do escritor Sousa Costa, e que foi, ao mesmo tempo, um eterno enamorado que, na sua concepção espiritualista do amor universal, enternecidamente elevou e dignificou a mulher.

Na segunda parte desta obra, o dr. Vergílio Passos recorda algumas homenagens póstumas ao poeta do Adeus, que lhe foram prestadas no Algarve e em Lisboa, e que culminaram com a iniciativa em erigir um monumento a Bernardo de Passos, acto de justiça prestes a concretizar-se, em S. Brás de Alportel, sua terra natal.

O busto do poeta, fundido em bronze, é uma admirável obra de escultura, da autoria do escultor Raúl Xavier. O plinto e o arranjo arquitectónico do monumento estão confiados ao jovem e distinto arquitecto, nosso conterrâneo, Manuel Gomes da Costa.

Por tal motivo, este brilhante estudo do dr. Vergílio Passos, que aplaudimos como contribuição notável para uma melhor interpretação da personalidade do grande poeta algarvio, oferece uma flagrante oportunidade, visto representar, como o próprio autor o confessa, «mais uma pedra na obra construtiva da Comissão do Monumento a Bernardo de Passos» — pedra que, sem favor, pode reputar-se altamente valiosa.

Edição cuidada. Admirável, o breve prefácio do dr. Júlio Dantas. Uma interessante gravura de Bernardo de Passos, da autoria do distinto artista Manuel Cabanas, valoriza a capa deste livro, que lemos com sumo agrado.

D. P.

Mercado semanal

EM sua reunião de 20 do corrente, a Câmara Municipal desta vila, tendo em atenção o que lhe foi representado pelos interessados, deliberou promover a transferência do local em que se efectuava o mercado semanal (anteriormente na Praça Marquês de Pombal e, depois, na Avenida da República), para a Rua de Sousa Martins, a norte da Rua Teófilo Braga.

Esta decisão começou a vigorar ontem, dia 25.

ALMEIDA GARRETT

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

brearia com ela para morrer por Portugal, lembrando a sua Alda e a liberdade do povo.

A plateia do teatro da R. dos Condes sentiu a peça, e as ovações mataram à nascença o projecto de pateada. Mas os cabralistas, odientos, juraram vingança e proibiram a representação, por conter matéria contrária à orientação do Governo!

A política, sem dúvida nenhuma, votara Garrett ao ostracismo e, agora, perseguiu as suas obras. Não obstante, foi neste período que ele escreveu o «Frei Luís de Sousa» — monumento máximo do teatro português, que o Conservatório ouviu ler, em 6 de Maio de 1843.

No «Frei» convergem, simultaneamente, o classicismo e o romantismo, ambos mergulhando as suas raízes no rico húmus da história pátria. O autor, no prefácio da obra impressa, confessa ter-lhe chamado drama em vez de tragédia para «não romper de visela com os estafados respeitadores dos séculos.» E, efectivamente, a acção, de certa altura em diante, ganha sabor trágico. Há, assim se pode dizer, uma brusca viragem: Quando o Romeiro se eleva do imaginário túmulo, a vida cessa para aquele casal feliz dos Sousas e para o fruto dos seus amores. O enredo — que a história assegura ser real — adivinha-se quando o Romeiro se considera «ninguém» apontando sinistramente o seu próprio retrato. A tragédia começa, para acabar com grandeza: aquele Manuel de Sousa, homem de armas e brioso fidalgo, recolhe-se à ordem de S. Domingos, onde, sabemos, se tornou num dos mais perfeitos cultivadores da língua portuguesa. E' o exemplo da morte gloriosa.

Em resumo: o convento mata dois seres, e a tísica leva para a sepultura o terceiro.

Esta peça de Garrett não encontrou um franco acolhimento nos teatros públicos, porque, não obstante o patriotismo que a envolve, põe em primeiro plano a rivalidade luso-espanhola, que nessa altura os governantes procuravam adocorar. Observado o enredo sob este prisma, o drama reflecte uma crítica à política do Governo.

Impotente para vencer as dificuldades de toda a ordem que lhe surgiam no caminho, Garrett fez ensaiar a sua peça por um grupo de amadores, que a representou, na noite de 4 de Julho de 1843, no pequeno teatro da Quinta do Pinheiro. A casa, apesar de minúscula, acomodou muita gente, e o autor recebeu justa consagração da selecta assistência, que talvez lhe tivesse servido de incentivo para a continuação da sua obra, em breve aumentada com o «Tio Simplicio», que subiu à cena em 11 de Abril de 1844, quando da inauguração do teatro amador Thália. Esta casa de espectáculos, que se situava em Santa Clara, ficou conhecida por «novo teatro de Alfama» e, não obstante os seus preços populares, teve uma vida efémera.

A má vontade contra Garrett subiu a tal ponto que, estando para se inaugurar o teatro D. Maria II e não existindo originais à altura da inauguração, preferiram levar à cena uma peça de Dumas!

Na oposição houve protestos estrondosos. A «Revista Universal Lisbonense» foi quem fez mais barulho, lembrando que o «Frei Luís de Sousa» fora representado num dos melhores teatros do Rio de Janeiro, enquanto que, entre nós, vivia na bagagem artística das companhias ambulantes! E no seu número de 2 de Outubro de 1845 escrevia:

«Sabemos que já em França, em Inglaterra e Alemanha, o «Frei Luís de Sousa» é conhecido e avaliado de muitos literatos e pessoas de gosto, a quem não é estranha a nossa língua; no Brasil é uma coisa popular, pode-se dizer que recebeu carta de grande naturalização, e nenhum teatro de Lisboa ainda tentou representá-lo!»

A despeito da grande campanha da imprensa, a obra prima de Garrett só teve a honra de chegar a um teatro público em 1 de Agosto de 1847 e, mesmo assim, no velho Salitre, que neste tempo era a pior casa de espectáculos de Lisboa.

Quem avisa...

Segundo informação da Câmara Municipal, terminam, no próximo dia 30 de Setembro, os prazos para pagamento do imposto de incêndio e para a concessão de licenças de cães.

A representação da peça deu abundantemente que falar. O Inspector Geral dos Espectáculos, Lopes de Andrade, mutilou o original, e os jornais barafustaram, vaiando a Censura dos teatros. Esse falatório não deu resultados práticos mas... ficou na história, a pintar ao vivo o período despótico dos Cabrais, inclusive ao meter da tesoura no monumento máximo do teatro português!

Quanto a nós, a principal virtude de Garrett reside no facto de nunca ter capitulado diante das dificuldades que a política lhe criava. Como homem de teatro, encontrou na história a sua grande arma contra os desmandos do seu tempo. Melhor que ninguém, ele soube encontrar, na galeria dos vultos do passado, aqueles que mais se pareciam, no carácter e nos actos, com os políticos seus contemporâneos. Daí nasceu o seu teatro crítico, à prova de tesoura, de que é exemplo a «Sobrinha do Marquês», posta em cena em 4 de Abril de 1848.

Nesta peça, há muito quem veja a caricatura do espírito burguês, a nobreza do século XVIII e... o todo poderoso Costa Cabral, que então era um nobre de fresca data.

Daqui até à morte do imminente homem de letras, medeiam pouco mais de 6 anos, grande parte deles consumidos na política da Regeneração. Em 1852, ainda escreveu o «Camões no Rocio» — peça de inferior qualidade e anatematizada pela crítica.

J. Silva Carvalho

Carta de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

o Governo e o povo portugueses acompanharam o Brasil no seu recente luto; e até a própria forma como se realizou a viagem: — com uma rapidez que nos leva a pensar na proximidade em que se encontram os dois grandes países atlânticos, e que permitiu ao prof. Paulo Cunha interromper, apenas por alguns dias, o seu extenuante trabalho, para ir dar ao Brasil o abraço de Portugal e logo voltar à tarefa de assegurar, na paz, a defesa da honra e da dignidade nacionais.

Assim, Lisboa viveu e sentiu «brasilicamente» esses dias, sentidos e vividos «portuguesamente», no Rio e em São Paulo. Assim, nesta semana memorável na história das relações luso-brasileiras, se ergueu ainda mais alto o edifício de uma amizade internacional, que a ninguém pode oferecer quaisquer dúvidas; assim nos descobrimos — portugueses e brasileiros — diferentes de todos os outros povos, comungando realmente de uma nacionalidade comum.

Um pormenor expressivo deste estado de espírito é o artigo que Hélio Rocha escreveu para a «Pátria Portuguesa», do Rio de Janeiro, nas vésperas do malogrado «satyagraha» contra Goa, artigo em que desassombadamente se proclamava: «Goa também é Brasil». Transcreveram-no outros órgãos da Imprensa carioca. E está agora a aprendê-lo de cor o povo de Lisboa, quando na praça dos Restauradores desfilava perante a montra do Palácio Foz e nela pode ler, com emoção, este «cantar de amigo» que do Brasil nos vem:

«Goa não é de Portugal. Goa é Portugal. Filha da nossa Mãe Pátria, Goa também é Brasil. Herança espiritual da nossa herança, Goa também é Brasil. Sêiva missionária da nossa seiva, Goa também é Brasil. Tal como nós, Goa é irmã de tantos povos que no fascinante Império do Oriente defendem a nossa

UM RETRATO DO PINTOR

ALBERTO DE SOUSA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

doso ministro algarvio, eng. Duarte Pacheco, pintado por Joaquim Rebocho, um nome que, por méritos próprios, já adquiriu especial relevo na pintura portuguesa contemporânea, também já encomendou, ao mesmo artista, um retrato do Marquês de Pombal. Desta forma, o nosso Município, prestando justa homenagem ao monarca fundador da vila, ao seu primeiro ministro, e ao malogrado estadista dos nossos dias, a quem os problemas de Vila Real de Santo António sempre mereceram especial atenção e interesse, reúne, ao mesmo, três obras de arte que poderão substituir com larga vantagem, em valor artístico e significado, os anacrónicos retratos que ornamentam presentemente a Sala Nobre da Câmara.

Felicitando a Câmara Municipal pela aquisição agora feita, prestamos justiça ao seu presidente, que, no estudo e resolução dos complexos problemas da administração municipal, não esquece os valores do espírito.

fé e ostentam o nosso idioma; por isso, Goa também é Brasil...

E estas estrofes em prosa, estas estrofes sem rima, estas belas e estranhas toadas, em que há o apelo ao mais íntimo do Brasil, aos «trovadores do meu sertão», aos cantadores e contadores de «estórias»:

«Vai, brisa matutina, parte enquanto é cedo. Leva contigo o pólen das nossas flores, o canto das nossas cigarras. Chega até Goa e diz-lhe, baixinho, que ela também é Brasil...»

Na verdade, a grande lição desta visita do prof. Paulo Cunha ao Brasil — lição para a comunidade lusitana daquém e além Atlântico e lição, sobretudo, para o Mundo livre — é a de «Goa também ser Brasil».

No Rio e São Paulo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros teve acolhimento triunfal; as provas de apreço que recebeu são inúmeras; as conversações com o Chanceler do Governo brasileiro representaram, por certo, inestimável contributo na consolidação da defesa dos interesses comuns no plano internacional; a aceitação pelo Presidente Café Filho do convite para visitar Portugal constituiu para os dois povos gratíssima notícia; e a inauguração do Colóquio Luso-Brasileiro, as solenes cerimónias do doutoramento «honoris causa» do Ministro Português na Universidade paulista, as declarações feitas quanto à intensificação do intercâmbio cultural, tudo isto são parcelas de uma soma de extraordinário valor. Como símbolo de tudo isto ficará, porém, o momento mais belo da visita ministerial; aquele em que um anónimo goês, trabalhador do Brasil, atravessou a multidão de portugueses e de brasileiros, e se aproximou do Ministro e o abraçou, dizendo «Viva Portugal». E em que a multidão lhe respondeu, cantando «A Portuguesa», em homenagem a Goa, «que é também do Brasil, por ser de Portugal».

António Maria Zorro

O PROTECCIONISMO AMERICANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tem sido preconizada e, por vezes, quase imposta à Europa.»

«Quando se modificará esta posição dos Estados Unidos? Nada permite prevê-lo. A indústria portuguesa de conservas continua a aguardar resignadamente, como tantos outros sectores da economia europeia.»

Sobre as sardinhas sem pele e sem espinha lançou a livre América 30%. «ad valorem», e sobre o atum esse imposto ascende a 45%. Quer dizer que estamos impossibilitados de concorrer, com o produto do nosso trabalho, aos mercados norte-americanos. No entanto, a nação que se arroga protectora dos europeus, isenta de imposto a matéria prima (atum congelado) porque assim dá mão de obra aos seus operários, esquecendo-se de que o nosso operário, mais pobre que o seu camarada norte-americano, também precisa de viver e que é indigno e revoltante arrancar o pão a quem tanto precisa dele.

São unânimes os protestos contra a atitude norte-americana. O «Financial Times» lamentava, há dias, que «no momento em que a Europa ocidental faz um esforço especial para libertar o seu comércio dos entranhas que o têm limitado desde a guerra», os Estados Unidos e a Austrália recrudescem na sua campanha de protecção. E esta política insensata assume proporções tão antipáticas, que os próprios americanos estão a reagir contra medidas que forçosamente hão-de cavar um abismo entre a Europa e a América, se os governantes deste país se não derem conta da gravidade de atitudes tão nocivas para a economia europeia e, consequentemente, para a estrutura político-económica das nações do Velho Mundo. Adlai Stevenson, ao abrir agora a campanha eleitoral, disse verdades flagrantes. Ele afirmou:

«Os republicanos reduziram os programas de despesas militares, ao passo que os comunistas au-

mentavam os seus. Diminuíram o auxílio aos países insuficientemente desenvolvidos, ao passo que os comunistas intensificavam a sua campanha na Ásia e na África. Finalmente, puseram de pé barreiras alfandegárias, enquanto os comunistas propunham ao Ocidente novas ocasiões de trocas comerciais.»

(«O Século» de 19/9/54)

A ofensiva contra a economia europeia é manifesta. Os homens dos dólares parece não se terem ainda dado conta de que a subversão da economia desta pobre Europa arrastá-los-á também. Há poucas semanas, elevaram os direitos sobre os relógios suíços, e agora deliberaram manter as tarifas alfandegárias sobre os figos secos, há dois anos elevadas de 2 1/2 centimos para 4 1/4 centimos.

Será esta a melhor maneira de auxiliar a Europa?

Estavam os europeus esperançados que os governantes americanos reconsiderassem, mas verifica-se, com tristeza, que não só não reconsideraram como agravam as limitações impostas ao comércio desta velha e sofredora Europa. E isto dizendo eles que estão empenhados em nos defenderem! Como manifestação de coerência não conhecemos situação mais caricata!

Porque a nossa província tem sido plenamente atingida nas suas actividades principais (conservas e frutos secos) pelo insensato proibicionismo norte-americano, aqui manifestamos a nossa solidariedade a todos aqueles que, embora baldadamente, se têm empenhado em fazer ver à poderosa nação que é tempo de auxiliar efectivamente a Europa, não dificultando a vida e a actividade dos europeus e não alienando definitivamente a simpatia destes. Tudo o que não seja integrar-se neste princípio de ajuda e colaboração só pode conduzir a um caminho que nem americanos nem europeus desejariam trilhar — o da ruína e o da subversão.

JOB

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª, L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 27 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DIEMERDYK» — 2 de Outubro

«DURANGO» — 19 de Outubro